



Um Jovem Padre Monfortino, Indonesiano, Em Portugal

LISBOA, Portugal - Padre Saferinus Njo, smm, é o primeiro confrade indonésio enviado a trabalhar em missão na Delegação monfortina em Portugal. Nesta entrevista, ele compartilha uma primeira avaliação da sua experiência.

Padre Saferino, após um ano da tua chegada a Portugal, como está a decorrer a tua integração na Delegação portuguesa?

Caríssimos confrades: antes de mais nada, votos ainda de feliz Páscoa para todos. Que a luz, o amor e a alegria de Cristo Ressuscitado ilumine os nossos passos e os nossos trabalhos apostólicos. Há um ano e quatro meses que estou em Portugal. Eu cheguei aqui no dia 14 de janeiro de 2022. Iniciei um período de aprendizagem da língua e adaptação na comunidade dos padres monfortinos, em Fátima. Reconheço que esta missão é uma preciosa oportunidade que Deus me concedeu e me confiou. É sempre uma graça e honra para mim poder aceitar uma missão e nela colaborar com os meus colegas. Esta missão obriga-me a uma experiência de vida e trabalho com responsabilidade para aprender, para crescer e me desenvolver. A missão desafia-me a eu ficar sempre disponível e com espírito de humildade para aprender muita coisa e acolher também a graça e o projeto de Deus na minha vida. Esta experiência de missão é uma oportunidade e um campo de formação permanente que me pede uma resposta ativa, concreta e responsável. Graças a Deus, já experimentei muitas coisas grandes e belas nesta missão. Cresci e desenvolvi-me, tanto como pessoa como no estado de religioso e sacerdote. Reconheço que o que se exige de mim é, sobretudo, humildade e abertura à divina Providência. A missão obriga-me a eu ficar sempre disponível para me deixar moldar e crescer na formação

permanente. Isso, porém, depende da minha resposta responsável ao meu “*sim*”, repetido cada dia. Numa das suas cartas, o anterior geral, padre William Considine, escreveu: “*Seguir Cristo significa, antes de tudo, desejar ser Cristo, deixar-se moldar à Sua semelhança. É este o objetivo de toda a vida religiosa.*”

Desde o início da sua formação, os religiosos e sacerdotes monfortinos deveriam ser formados como “*nuvens brancas*” a vaguear livremente nos céus, voando para ali onde os impelisse o sopro do Espírito Santo [OA 9]. A missão é o elemento vital da vocação monfortina, por isso, Montfort quis-nos “*missionários*”. (Const. 8). O espírito missionário de Montfort é o que deve inspirar os religiosos por ele fundados, e sempre, como nuvens, dispostos a ultrapassar fronteiras e barreiras. Eles estarão dispersos, trabalhando em várias partes do mundo. A história da sua itinerância e dos locais da fundação de missões, confirmam a verdade de que os filhos de Montfort são peregrinos sem fronteiras e sem medos. Eles sempre se movem, deixando-se guiar pela vontade do Espírito Santo, tornando-se “*livres*” para realizar o sonho do Espírito Santo. Esta história e esta minha tomada de consciência ajuda-me a dar a minha resposta com o meu “*sim*” consciente e esclarecido para bem servir a missão. Toda a missão exige uma grande responsabilidade. Exige coragem, humildade e disponibilidade. Claro que, no início, havia em mim muitas dúvidas e medos que me assaltavam. Era normal que assim fosse. Mas tendo eu partido para a missão, considero isto como um grande dom de Deus para a minha vida, que quero bem aproveitar. Não é iniciativa pessoal. Não fui eu a decidir. Por isso, também acredito que Deus me ajudará neste caminho e nesta missão. Todo o missionário nunca falhará se se confiar à Providência divina, ao sopro e vontade do Espírito Santo. Foi esta confiança que inspirou o nosso fundador. Ele viveu neste espírito ao longo de toda a sua vida. Montfort convida-nos a viver no mesmo espírito, lembrando aqui o seu conselho: “*Se não arriscarmos algo por Deus, também não faremos grandes coisas por Ele.*” (Carta 27). Assim sendo, também para mim, o risco que eu devo correr é ter eu também coragem para sair da zona do meu conforto para abraçar o projeto que Deus tem para mim, nesta missão onde agora me encontro.

A Ratio Formação - II sublinha que, “*uma vocação nasce sempre de um encontro amoroso com Jesus e com o povo de Deus. Por conseguinte, os religiosos e sacerdotes monfortinos estarão sempre em companhia com Jesus e com o seu povo.*” Assim também é estar em missão. Os religiosos e sacerdotes monfortinos são desafiados a estar abertos a aprender muita coisa para melhor servir a missão. A missão é uma oportunidade para aprender novas dinâmicas, novas línguas e culturas diferentes. Claro que é difícil. Mas acredito que Deus me dá força suficiente e capacidades para superar os desafios e dificuldades que apareçam. Cada comunidade monfortina, onde quer que esteja, será sempre a minha casa e a minha comunidade, e os confrades que vier a encontrar são meus irmãos. Desde o primeiro dia em que eu aqui cheguei, nunca me senti sozinho. Senti-me sempre em casa. Graças a Deus, os confrades e muitas pessoas com quem me fui cruzando, acolheram sempre a minha presença num ambiente familiar e fraterno. Eles ajudam-me em muitas coisas neste período de aprendizagem. Deles recebo todo o apoio e amor fraterno. Sinto-me sempre em casa com o mesmo amor e calor fraterno. Também foi assim quando estive na família, e o mesmo quando estive em comunidade com os meus colegas na Indonésia. O entusiasmo e o desejo ardente que eu tenho, de viver e trabalhar junto com os meus confrades em Portugal, acredito que também eles alimentem este mesmo desejo. Aliás, desde o início da minha comunicação com o P. Amílcar, superior em Portugal, senti grande simpatia e desejo de vir a colaborar com os confrades, em Portugal. Tudo isto foi para mim muito importante e útil neste período e no início desta minha integração.

Quais são as descobertas positivas e as alegrias deste primeiro ano?

Durante os primeiros nove meses eu estive na comunidade de Fátima para aprender a língua e a cultura, para conhecer e integrar-me na dinâmica da vida comunitária e no trabalho dos padres monfortinos nas suas paróquias. Agradeço por ter eu sido bem aceite e inteiramente bem apoiado em todos os sentidos. Posso dizer que os primeiros meses desta minha permanência nesta comunidade de Fátima foram um bom momento de aprendizagem e adaptação. Uma graciosa oportunidade que me permitiu viver num novo lugar e iniciar um período de adaptação numa língua e cultura completamente nova e diferente. Claro que não foi uma tarefa fácil. Mas, neste processo, eu não me senti como se estivesse a lutar sozinho. A presença e o apoio dos confrades e do povo de Deus neste processo de adaptação ajudaram-me a entrar e integrar-me, pouco a pouco, na dinâmica da missão. Todos os dias recebo ainda a ajuda e o apoio dos confrades. Ele ajudaram e apoia-me muito neste processo de adaptação. Aprendi e absorvi muitas coisas no processo de encontro com os confrades da comunidade e com as muitas pessoas que fui encontrando, no dia a dia, no meu caminho. Encontrei muitas coisas que me ajudaram a crescer e a desenvolver-me. A comunidade é uma escola privilegiada e laboratório de humanização, de liberdade, de obediência, mas também de humildade (cf. Ratio I, 194). Na comunidade sinto-me sempre em ambiente de boa aceitação, de fraternidade e união, de compreensão e colaboração. Aprendi as exigências que se requerem no trabalho e nas missões. Experimentei e aprendi a viver com simplicidade e sinceridade, com ternura e lealdade, e com transparência no modo de vida dos confrades.

Desde o início, os confrades esforçaram-se por me ajudar a bem integrar-me na dinâmica da vida e do trabalho. Eles obrigaram-me a não ter medo de começar fazer alguma coisa. Isso foi já muito importante neste processo da minha adaptação. Percebi que todos os momentos que eu tenho neste período de adaptação são instrumentos que me ajudam. Estas oportunidades tornaram-se um bom campo de aprendizagem para melhorar. As experiências de vida em comunidade e também o meu contato com outras pessoas da paróquia, tornaram-se para mim, no dia-dia, uma boa escola para aprender. Em comunidade, eu vou já prestando alguns serviços e o mesmo também lá fora, nas nossas igrejas. Por exemplo, durante a semana, em Fátima, eu tive já serviços com horários fixos para ir celebrar missas noutras comunidades e lar de idosos. Também nos domingos, acompanhei por diversas vezes o padre Amílcar, concelebrando com ele nas nossas paróquias. Foi esta uma oportunidade e uma graça para mim na minha inculturação. Tive também a alegria de ter prestado alguns serviços no santuário de Fátima. Foi essa, também, uma oportunidade, cheia de graça para mim, por poder aprender a escutar mais as pessoas e assim desenvolver a minha aprendizagem da língua portuguesa. Esta experiência no confessionário reforçou, na minha consciência, a grande nobreza da importância deste sacramento, tanto para mim como para todos aqueles para quem prestei este serviço sacerdotal.

Quais são as dificuldades sentidas nesta integração e como estás a enfrentá-las?

O período de adaptação e aprendizagem é um momento sobretudo para conhecer o campo de trabalho missionário, mas também para se ir integrando, pouco a pouco, nesse mesmo trabalho. Claro que este período é, naturalmente, o período mais difícil. Querer fazer, mas ainda sem possibilidades para atuar devido à língua. Mas desafios e dificuldades também formam e ajudam o missionário a crescer e a desenvolver-se. As dificuldades e os desafios desafiam o missionário a dar passos em frente, com humildade e abertura à obra do Espírito Santo. Percebi também que a missão exige e desafia-me continuamente a manter-me humilde e aberto para aprender a conhecer a dinâmica, o ambiente e a cultura do povo. Sem esta atitude humilde não

se consegue viver e servir a missão. Digamos, pois, que os desafios e dificuldades já fazem parte da missão. Os dois principais obstáculos e desafios de qualquer missão “ad dextera” (no estrangeiro), são a língua e a cultura. Os religiosos e sacerdotes monfortinos desenvolvem também as suas capacidades de responder aos desafios da inculturação, vivendo uma fé profunda no novo contexto de atuação. Estarão atentos às mudanças em curso e ao estudo das culturas e das línguas nos novos ambientes da sua missão [Ratio II, 120]. Sinto hoje que foi para mim uma graça ter sido eu enviado para trabalhar nesta missão da Delegação portuguesa, apesar de ter sido obrigado a aprender uma nova língua e com uma cultura completamente diferentes da minha Indonésia. Nunca eu pude prever isso quando estava na formação, embora tenha percebido e refletido que os missionários monfortinos eram formados e moldados para ficarem disponíveis e abertos para qualquer tipo de missão. Quando eu me encontrava ainda na Indonésia, e após eu ter sido indicado para a missão em Portugal, fui já recebendo as primeiras luzes na língua portuguesa através do padre Wim Peeters. Foi ele o primeiro que me deu e ensinou algumas coisas básicas da língua portuguesa. Essa iniciação, ainda na Indonésia, ajudou-me muito neste meu início em Portugal. No entanto, o processo de adaptação foi acontecendo dia após dia. Fui conhecendo, pouco a pouco, a complexidade da língua portuguesa. Há muitas coisas novas a aprender, sejam palavras ou expressões. Mas convenci-me de que as dificuldades não podem ser um obstáculo. Talvez o obstáculo esteja mais dentro de mim do que fora. As dificuldades que eu enfrentei também me obrigaram a eu não ficar parado. Por isso, com humildade e paciência, confio e acredito que, com o passar do tempo, tudo vai correr melhor.

No terreno da cultura, ou inculturação, também encontrei complexidades diversas desde a comida ao clima, e também à maneira de viver. Mas considero normal aparecerem desafios e dificuldades quando se começa uma nova vida e com pessoas diferentes na cultura e com seus diferentes hábitos. Pouco a pouco fui conhecendo e compreendendo. Sinto-me desafiado a sair da minha zona de conforto, a ser aberto e transparente, a conhecer e aprender novas culturas. Quando eu estava em formação no meu país eu tinha só a experiência de viver com pessoas da minha cultura. Mas para mim, agora, considero uma graça por poder conhecer, aprender e viver num ambiente multicultural. Por isso, procuro estar sempre aberto a aprender e crescer através de novas experiências, novos contatos que aumentam a união. A cada momento vou experimentando a viver com entusiasmo e alegria.

Há já alguns meses que fazes parte da comunidade paroquial de Lisboa. Como descreverias essa tua primeira missão oficial em Lisboa?

Depois de nove (9) meses a viver e prestar alguns serviços na comunidade de Fátima, eis que, no dia 2 de outubro de 2022, recebi a obediência para ir exercer a primeira missão oficial da Delegação portuguesa, tendo sido nomeado vigário na paróquia da Póvoa de Santo Adrião, em Lisboa. Fiquei agradecido pela confiança da delegação ao confiar-me esta missão. É uma preciosa oportunidade poder viver e exercer o meu sacerdócio em companhia com outros confrades da comunidade, ao serviço dos fiéis desta paróquia. É pequena esta comunidade. Somos quatro na comunidade ou sejam: o padre Carlos Fernandes, pároco, o padre Miguel Quissola, superior e vigário paroquial, eu padre Saferinus, e Dom Rui Valério, bispo das forças armadas e segurança nacional. Foi esta, para mim, a minha primeira missão, como sacerdote, a trabalhar numa paróquia. Por isso, sinto-me feliz e entusiasmado por poder trabalhar com os meus confrades e paroquianos desta nossa paróquia de Póvoa de Santo Adrião e Olival Basto. É uma oportunidade e um desafio poder viver numa comunidade tão pequena, mas com uma boa dinâmica na paróquia. Encontrei, e continuo a experimentar aqui, alegrias e felicidade, mas também novos desafios e dificuldades.

Este meu primeiro envio em missão convida-me a aprender coisas novas. Estou com os meus confrades e paroquianos para caminhar juntos. Sou ainda jovem, por isso tenho ainda muito idealismo que, como é normal, precisando ainda de experiências para amadurecer estes meus ideais e captar novas formas de atuação no apostolado. Noto que me falta ainda muita experiência para trabalhar numa paróquia. Por isso, esta minha nova tarefa no estrangeiro é para mim uma graça e oportunidade para eu aprender, para crescer e desenvolver-me. É uma boa oportunidade para eu aprender novos métodos de trabalho no ministério. Graças a Deus, os confrades com quem colaboro, levam-me, pouco a pouco, a uma situação real da vida e dinâmica da paróquia. Os meus confrades deram-me muito espaço e oportunidades para eu aprender. E tenho que estar sempre disponível e aberto para aprender e colaborar em tudo o que posso. Por isso, eu já estou acompanhando alguns grupos na paróquia tais como os acólitos, os visitantes dos doentes e a Legião de Maria. Considero uma graça esta oportunidade de caminhar com eles. Pontualmente, e na medida da disponibilidade, dou também uma leve colaboração com serviços no Santuário de Fátima.

Que recomendarias a um jovem, que está ainda em formação, mas preparando-se com a perspectiva de vir, um dia, a vir trabalhar também neste ou noutro país da Europa?

Sinceramente, eu não me atrevo a dar nenhuma recomendação específica. Acredito que, cada um tem o seu jeito específico. Cada lugar é diferente e com hábitos e necessidades diferentes. Quando eu era pequeno, para mim a palavra *missionário* era muito ligada aos religiosos e sacerdotes que vinham da Europa a trabalhar na Ásia, melhor dizendo, na minha Indonésia. Eles deixaram o seu país, a sua terra natal, a sua família para irem proclamar e espalhar o evangelho em todo o mundo. Eles não só conseguiram semear a fé cristã, mas também suscitaram muitas vocações religiosas e sacerdotais nos países da sua missão. Tudo isto é dom e graça de Deus. E nos dias de hoje há já muitos religiosos e sacerdotes da Ásia que são agora enviados para estes mesmos países, donde tinham vindo os primeiros evangelizadores da Ásia. A palavra do evangelho produz frutos por todo o lado, de ida e volta. Toda a atividade missionária exige grande preparação e responsabilidade. São muitos os desafios e as dificuldades. Mas, contemplando a experiência dos missionários europeus, eles conseguiram superar os obstáculos, os desafios e as novas dificuldades nos seus trabalhos de missão. Eles foram bem preparados para a missão que lhes foi entregue. Adaptaram-se às dinâmicas e experiências das pessoas. O zelo, a prontidão, a abertura, e a humildade foram parte integrante para vencerem no seu trabalho. A missão é um campo de aprendizagem. Digamos, portanto, que a missão é uma formação contínua.

Esta acentuação faz parte da formação e missão dos monfortinos. Somos convidados a ficar abertos para aprender. A formação nunca terminará quando o religioso e sacerdote fez já os seus votos perpétuos. A partir daí, a missão coloca o religioso e sacerdote num novo processo de formação contínua. Aprender a conhecer a dinâmica, o ambiente, a cultura e as diversas coisas relacionadas com a sua missão, claro que isso nunca é fácil. Há desafios e dificuldades. Cada lugar e tempo tem as suas próprias dificuldades e desafios. O que faz a diferença é a resposta de uma pessoa diante de vários desafios e dificuldades. Sempre acreditei que o religioso e sacerdote monfortino deixou-se inspirar pelo zelo do seu fundador São Luís de Montfort, sobretudo no seu abandono nas mãos a divina Providência. Neste exemplo do nosso Fundador, todo o religioso e sacerdote monfortino é desafiado a não ter medo de enfrentar novos desafios e dificuldades. Tem que ter sempre coragem, prontidão e vontade de aprender e crescer em espírito de missão.

A Europa é um continente com grande diversidade cultural e histórica. Há muitas coisas diferentes oferecidas tanto como oportunidades como também como desafios e dificuldades. Há uma enorme procura por missionários em processo de adaptação. Mas há também na Europa grande abertura, calor e fraternidade, por parte dos confrades e do povo de Deus, no acolhimento dos missionários que aqui vêm em missão. Algo muito importante para este projeto missionário é a necessidade de haver, na formação, grande abertura para aprender novas línguas. Aprender a língua e a cultura do país, apesar de não ser fácil, mas será fundamental para o fruto da missão. Claro que não é uma coisa fácil. É tudo uma questão de perseverança e humildade.

As próximas Jornadas Mundiais da Juventude serão em Portugal. Que oportunidades novas poderão vir a surgir para nós monfortinos?

Como sabemos, de 1 a 6 de agosto deste ano de 2023, Portugal vai receber milhares de jovens de todo o mundo no grande encontro da Jornada Mundial da Juventude (JMJ). É um encontro e uma peregrinação de jovens, vindos de todo o mundo. Vêm todos com grande ânsia e sede de encontrar Cristo, presente na figura do Papa, mas também na multidão dos jovens aqui presentes. É uma ocasião de graça poder encontrar-se na presença do Papa Francisco. É também uma festa da juventude que nos dá um sinal positivo de valores de fé trazidos por estes jovens vindos de todos os continentes. Os jovens representam a paixão, a força e a confiança. Eles são uma parte importante da missão da Igreja para testemunhar a fé, a esperança e o amor na construção de um mundo melhor. A Jornada Mundial da Juventude deverá ser uma festa dessa partilha da fé, da esperança e do amor cristão. Os jovens de todo o mundo pretendem partilhar essa alegria de vivência da mesma fé em Jesus Cristo. Estas Jornadas Mundiais da Juventude têm-se evidenciado como um laboratório de fé, um lugar de surgimento de vocações quer em vista do matrimónio quer em vista da vida consagrada e sacerdotal. É um instrumento de evangelização e transformação da Igreja. Portanto, é também um momento muito adequado e conveniente para aproveitar e partilhar a beleza, a sabedoria e a riqueza da vocação pela vida consagrada. Somos todos convidados a participar e caminhar, cada um na medida das suas possibilidades, nesta peregrinação. Na qualidade de já membros consagrados a nossa presença, física ou espiritual é, portanto, muito importante para a todos levar o testemunho da nossa alegria, que já é fruto da beleza, da sabedoria e da riqueza da vida consagrada.

Também para a nossa família monfortina, pelo facto de alguns dos seus membros poderem estar presentes, é uma oportunidade de ouro para partilhar e divulgar aos jovens presentes a espiritualidade do nosso fundador. Em encontros de catequese ou outros momentos de oração e reflexão, poderemos oferecer aos jovens o nosso testemunho pessoal e outros recursos que possam vir ajudá-los a eles a crescer na fé e na espiritualidade. Será também uma boa ocasião para promover as obras de Montfort. Temos tendas que poderão ajudar este tipo de divulgação dos livros da nossa espiritualidade, ou através de conversas acerca da nossa vocação. Nós, monfortinos em Portugal, temos obrigação, na medida do possível, de animar, apoiar e facilitar, sobretudo os jovens das nossas comunidades paroquiais para que tenham uma participação ativa nas jornadas. É importante construir esse clima, já a partir das respetivas paróquias para que os jovens possam, já durante a preparação, aproveitar antecipadamente alguns dos frutos previsíveis destas Jornadas Mundiais da Juventude neste ano de 2023, em Lisboa. Que tudo louve o Senhor e seja uma bênção para toda a Igreja.

P. Saferinus NJO, SMM